

Corpos Frágeis (30')
Cia Fragmento de Dança
Galeria Olido/Sala Paissandú

O “Corpos Frágeis” apresentado pela Companhia Fragmento, de Vanessa Macedo, na abertura da 4ª Mostra de Fomento/2010, revelou-se uma versão mais curta do que a estréia da obra.

Para prepará-la, coreógrafa e intérpretes, tiveram que fazer opções, sobretudo no sentido de uma “edição” do todo anteriormente apresentado.

A edição resultou bem, em uma concentração de conteúdos que deixou um rastro de delicada contundência, sendo nos apresentada uma síntese da proposta.

O trabalho tornou-se mais espesso, a partir da origem que se anuncia para o espetáculo - a obra “**Corpos Frágeis, Mulheres Poderosas**” (Maria Martoccia e Javiera Gutiérrez), em que podemos encontrar parte das trajetórias de Frida Kahlo, Virginia Woolf, Billie Holiday, Madame Curie, Jacqueline Dupré, Katherine Mansfield, Maria Callas, Judy Garland e Simone Weil.

A metáfora a unir os traços que podemos ver emergir de cada um destes “personagens” transformados em estruturas expressivas a cargo de cada uma das intérpretes é o de uma linha sem fim, em cena, um novelo que todas fiam a partir de sua movimentação.

No vai-e-vem dos fios, que traçam um enrolar –desenrolar linear do espaço, cada artista, a sua vez, se imobiliza, dentro do fluxo coletivo para abrir-se uma rápida clareira de solos, onde o protagonismo de cada tradução corporal dos traços de origem da proposta se manifesta de maneira mais autoral.

Estes momentos como se liquefazem na movimentação linear que a movimentação em torno dos fios propõe, apontando para um enredamento entre os conteúdos femininos trabalhados.

A dança em rede estabelece um padrão para a coreografia, trazendo-nos um sentido de sua estética em si, mas que se perde em uma tonalidade monocórdia, que também reveste o todo do espetáculo, na repetição de dinâmicas muito semelhantes em performances notadamente realizadas em planos médio e baixo de movimentação.

Este ambiente monocórdio é reforçado pela escolha da trilha sonora e da iluminação, de nuances quase imperceptíveis.

Tais opções apontam para uma tendência minimalista da dança contemporânea em que se insere parte do trabalho da criadora, na qual a repetição busca estabelecer uma estabilidade, a partir de interrupção de fluxos mais tradicionais da construção do sentido.

Em “Corpos Frágeis”, estes estados são interrompidos por cenas mais dramaturgicamente conotadas, em que, por exemplo, são utilizados elementos de cena- cadeiras, flores- fechando-se momentos focados em conteúdos de sentidos tradicionalmente organizados.

Nestas ações, estabelece-se uma tensão diferenciada na dramaturgia corporal das bailarinas, em momentos de uma dança teatral.

São cenas em que a obra de Martoccia e Gutiérrez de fato se apresenta como ponto de partida, para a criação em si, posto também estas dinâmicas apontarem , preferencialmente, para a escritura que a jovem coreógrafa Vanessa Macedo vem estabelecendo.

Como nos processos modernos da criação em dança, a escritura tem muito mais a dizer de um coreógrafo ensimesmado em suas

questões humanas, podendo ter referencialidades em elementos pára-coreográficos presentes na literatura, artes visuais, música, enfim em variadas e infinitas bases de origem para os processos de criação.

Neste sentido, Macedo procurou na obra que emprestou parte de seu nome à coreografia um pré-texto para a discussão, em forma de dança, de um tema que lhe parece ser caro: a fragilidade frente à força e a força frente à fragilidade. Um assunto presente no cotidiano de muitas mulheres a ela contemporâneas.